

## **A AFETIVIDADE COMO POTENCIALIZADORA NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM NA EJA.**

Marjory Colen Batista \*  
Alcilene Lopes de Amorim Andrade \*\*

### **Resumo**

Este trabalho aborda a afetividade como potencializadora do processo ensino-aprendizagem uma vez que esta é uma importante faceta ao pensar o ser cognoscente numa perspectiva biopsicossocial. A partir das concepções teóricas explicitadas sobre afetividade e cognição, este trabalho tem o propósito de analisar a influência e a relevância da relação interpessoal estabelecida entre o professor e o aluno em sala de aula, tendo em vista a existência de uma relação íntima entre o ambiente social e os processos afetivos e cognitivos, entendendo que ambos são responsáveis pelo desenvolvimento humano. A metodologia utilizada constitui-se de uma revisão de literatura, amparada por autores de relevo como Freire, Vygotsky, Wallon, LDB entre outros. Ao ancorar nos pensamentos desses autores é possível defender a afetividade como conceito-chave que fundamenta o sucesso do processo ensino aprendizagem da EJA. Os resultados evidenciaram a importância bem como a indissociabilidade entre afetividade e cognição na busca da eficácia das práticas pedagógicas visando o desenvolvimento pleno do educando ainda que na fase adulta.

**Palavras - chave:** Afetividade. EJA. Desenvolvimento.

---

\*Aluna do 7º período do Curso de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni. e-mail: colenmarjory@hotmail.com

\*\* Professora Faculdade Presidente Antônio Carlos, graduada em Pedagogia e Psicologia, pós-graduada em Didática e metodologia do Ensino e em Psicologia Clínica, mestre em Educação - alcileneaguia@hotmail.com

### **Abstract**

This paper deals with affection as potentiating the teaching-learning process as this is an important facet to think the knower be a biopsychosocial perspective. From the explicit theoretical conceptions about affectivity and cognition, this

study aims to analyze the influence and relevance of interpersonal relationship established between the teacher and the student in the classroom, in view of the existence of an intimate relationship between the environment social and affective and cognitive processes, understanding that both are responsible for human development. The methodology consists of a literature review, supported by prominent authors such as Freire, Vygotsky, Wallon, LDB among others. By anchoring the thoughts of these authors can defend affection as a key concept underlying the success of the teaching learning of adult education. The results show the importance and the inseparability between affect and cognition in the pursuit of effectiveness of pedagogical practices to the full development of the student even in adulthood.

**Key - words:** Affection. EJA. Development.

## **1 Introdução**

Sabe-se que hoje existe uma inquietação acerca do papel do professor e da sua atuação frente aos novos desafios educacionais tendo em vista uma crescente clientela de jovens e adultos. Não se concebe mais o educador apenas como transmissor de conhecimentos; a sua prática em sala de aula é de suma importância para a educação e para o processo ensino-aprendizagem. Na busca de uma prática educativa que visa resgatar e inserir o indivíduo na sociedade como sujeito atuante, participativo e capaz de difundir os seus conhecimentos nas práticas sociais, percebeu-se que são vários os fatores que contribuem para que tal mediação ocorra e entre eles está a relação professor-aluno.

A afetividade é um elemento que está além dos portões da escola, e por meio dela foi possível entender que não existe quem ensina ou quem aprende, mas quem aprende a aprender. Paulo Freire (1996) diz que a prática educativa é tudo isso, afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança. Sendo assim um trabalho efetivo, precisa alcançar seus objetivos e a relação afetiva, necessita ser estabelecida.

A relação que se estabelece entre professor-aluno envolve, ao menos, duas dimensões: a afetiva e a cognitiva. A relação afetiva entre professor e aluno, favorece a convivência, a aprendizagem e a socialização.

Portanto o objetivo deste trabalho é analisar a relevância da relação interpessoal estabelecida entre o professor e o aluno em sala de aula e sua influência na educação de jovens e adultos.

Para tanto, levantou-se a seguinte pergunta-problema: Qual a relevância da afetividade no processo ensino-aprendizagem na EJA?

O trabalho foi construído a partir da necessidade de entendimento e esclarecimento das causas que levam um indivíduo retomar os seus estudos após a adolescência bem como os fatores que asseguram a permanência do mesmo na escola.

Discutiu-se, sobretudo a influência da afetividade como potencializadora e principal fonte da construção de aprendizagem significativa, partindo do pressuposto de que a existência de vínculo afetivo é condição relevante à aprendizagem e conseqüentemente permanência do aluno na escola.

A metodologia utilizada foi uma análise literária de artigos, revistas pedagógicas, sites científicos, perpassando autores como Freire (1996), Sauner (2002), Vygostsky (2003), Wallon (2000), LDB (1996) e outros.

## **2 EJA no Brasil**

Ao iniciar o presente trabalho é preciso conhecer um pouco a história da EJA no Brasil, tendo em vista que a educação tem início no Brasil, desde o período colonial em 1549. Muitos autores consideram que a Educação de Jovens e Adultos formal surgiu no Brasil apenas com a vinda dos jesuítas. Sabe-se que o sistema educacional jesuítico surgiu aproximadamente em 1549 com a chegada dos padres da Companhia de Jesus, quando do início da colonização portuguesa. No entanto segundo Piletti (1996) a dita educação jesuítica estava voltada para a catequização e “instrução” de adultos e adolescentes, tanto nativos quanto de colonizadores, diferenciando apenas os objetivos para cada grupo social.

A Campanha de Educação de Jovens e Adultos, na década de cinquenta foi fortemente criticada devido aos métodos utilizados e por sua ineficácia, logo

foi extinta. Eis que no início dos anos sessenta surge a Educação Popular, tendo como proposta inovadora e num clima de mudança a pedagogia de Paulo Freire. Tal educação envolvia política e grupos populares como: estudantes, intelectuais, pessoas ligadas á igreja católica e a CNBB. Em 1964 Paulo Freire tem a alegria de ver aprovada a sua proposta pedagógica, o Plano Nacional de Alfabetização, mas o golpe militar de 1964 tratou de fazer a sua primeira vítima, “a educação”. O PNA foi então substituído pelo (MOBRAL) Movimento Brasileiro de Alfabetização em 1967. Na busca de defender seus interesses enquanto classe dominante, o regime militar no Brasil (1964-1985), usou a máscara de erradicação do analfabetismo para assegurar o controle político do novo regime implantado e objetivava somente ensinar a ler e escrever, não tendo assim uma preocupação maior com a formação do homem. Uma das causas do fracasso do MOBRAL no seu trabalho de alfabetização do jovem e do adulto brasileiros está relacionada aos recursos humanos: o despreparo dos monitores a quem era entregue a tarefa de alfabetizar. Tratava - se de pessoas não capacitadas para o trabalho em educação, que recebiam um “cursinho” de treinamento de como aplicar o material didático fornecido pelo MOBRAL e ensinavam apenas a mecânica da escrita e da leitura, portanto, não alfabetizaram (SAUNER, 2002, p.59).

Tendo como pano de fundo a separação entre Estado e igreja, o País observa então a aprovação da 1ª LDB - Lei 4024/61 de 20 de Dezembro de 1961, mas para isso foram necessários 13 anos de debate (1948-1961), em 1971 o Brasil depara com uma nova LDB - Lei 5692/71 de 11 de Agosto de 1971, passando assim o ser obrigatório o ensino dos sete aos 14 anos e no seu Art. 1º.

O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge no cenário educacional contemporâneo como uma modalidade de grande relevância, pois representa uma alternativa para aqueles cidadãos que por diversos motivos foram excluídos da escola regular. Essa modalidade de ensino consolidou-se a

partir dos preceitos da LDB 9394/96, da Resolução CNE/CEB Nº 01/2000 e do parecer CNE/CEB Nº 11/2000. (BRASIL, 2000)

### **3 O aluno da EJA e o modelo biopsicossocial**

Sabe-se que existem questionamentos quanto à oferta, qualidade e regulamentação da EJA, conforme as produções de pesquisadores como Di Pierro (2005), Soares (2007), Haddad (2007), Arroyo (2005), dentre outros. Segundo documento da UNESCO (2008, p. 24), "o analfabetismo era qualificado como vergonha nacional e creditavam à alfabetização o poder da elevação moral intelectual do país e de regeneração da massa dos pobres".

Tendo em vista a busca do jovem e do adulto que decide retornar à escola, a EJA apresenta necessidades e peculiaridades que não existem na educação que é disponibilizada para crianças. O aluno da EJA busca muito mais que a simples alfabetização ou somente a conclusão do ensino médio, ou a inserção no mercado de trabalho; esta busca consiste em algo mais. É um momento em que o indivíduo começa fazer uma leitura de si e do mundo, porém sem abrir mão da visão de mundo que já possui pelas experiências vividas juntamente com suas crenças e valores. O regresso aos estudos na idade adulta é uma opção de promoção pessoal, e pode ser visto como um desafio, um projeto de vida.

O perfil do aluno da EJA é definido por Gadotti (2002) como sendo na maioria, trabalhadores proletariados, desempregados, dona de casa, jovens, idosos, portadores de necessidades especiais. São alunos com suas diferenças culturais, etnias, religião, crenças. E quanto às diferenças Arroyo assim afirma,

Essas diferenças podem ser uma riqueza para o fazer educativo. Quando os interlocutores falam de coisas diferentes, o diálogo possível. Quando só os mestres tem o que falar não passa de um monólogo. Os jovens e adultos carregam as condições de pensar sua educação como diálogo. Se toda educação exige uma deferência pelos interlocutores, mestres e alunos (as), quando esses interlocutores são jovens e adultos carregados de tensas vivências, essa deferência deverá ter um significado educativo especial. (ARROYO, 2006, p. 35).

As especificidades do educando jovem e adulto, leva a uma reflexão que proporciona uma visão integral do ser, os fatores biológicos, psicológicos e

sociais devem estar atrelados a essa prática pedagógica que visa sucesso. Ao dizer que “o homem é um todo integral e indivisível”, Platão, revela que essa forma indivisível de ver o homem já era conhecida pelos primórdios na arte de ensinar.

O conceito do modelo biopsicossocial origina-se da Medicina Psicossomática, que propõe uma visão integrada do ser humano: a camada biológica, a camada psicológica e a camada social. Segundo Richard O. Straub (2014), embora existam características específicas entre estas camadas, elas interferem umas nas outras de maneira simultânea. Elaborado e defendido por Engels em 1977 (Fava & Sonino, 2008) a partir da crítica à insuficiência da epidemiologia tradicional em abordar a saúde como um fenômeno radicado na organização social (Puttini et al. 2010), de que a doença não é somente unicausal como visto no modelo biomédico, mas seja vista como um resultado da interação de mecanismos celulares, teciduais, orgânicos, interpessoais e ambientais (Fava & Sonino, 2008) e também da crítica de que a relação saúde-doença é um processo, portanto sem ponto fixo, mas sim um estado.

A abordagem biopsicossocial dentro da educação objetiva o desenvolvimento pleno do educando da EJA, entendendo que a formação integral do indivíduo só é possível mediante estas interações. É de extrema importância que este aluno não seja visto numa perspectiva fragmentada, mas que todas as suas dimensões sejam consideradas (bio- psico- social) a fim de que o processo de ensino-aprendizagem tenha mais eficácia objetivando atender as demandas sociais de formação do indivíduo.

#### **4 Afetividade**

A palavra afeto vem do latim “affectus” que quer dizer afligir, abalar, atingir, então afetividade refere-se à disposição do ser humano de ser afetado e reagir com estados externos ou internos que a situação desperta, ora agradáveis, ora desagradáveis. Assim, a afetividade poder ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato

com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas (BERCHT, 2001).

Lev Vygostky, psicólogo interacionista explica o desenvolvimento afetivo sob um ponto de vista sócio-histórico-cultural o que remete à afetividade sendo relacionada à EJA compreendendo que a aquisição de conhecimentos e de sentimentos são possíveis pela interação do sujeito com o meio escolar. Vygotsky afirmava que “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas.” (LA TAILLE, 1992. p.76).

Almeida (1999, p.107) relata que: as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Sendo assim, o afeto está presente na relação professor-aluno.

Ao reconhecer que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva, Piaget fala da afetividade e a razão como sendo termos complementares: “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações” ( LA TAILLE, 1992. p.47).

Henri Wallon, estudioso francês, consagrou grande parte da sua vida ao estudo das emoções, elevando a afetividade a um domínio funcional, observando que o desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Assim, tem-se a ideia de que a escola tomada tradicionalmente como espaço onde deve imperar o desenvolvimento do conhecimento passa a ser reconhecida como meio cujo afeto é primordial para a relação humana tendo o professor como responsável direto pela mediação afetiva na instituição de ensino.

Paulo Freire, nome de grande peso na história da pedagogia que de um modo especial destinou a sua contribuição à alfabetização de jovens e adultos bem como a conscientização política dos mesmos, aponta o afeto como um dos pressupostos básicos para aprendizagem, além da ética e principalmente no respeito ao outro. Inspirou os principais programas de alfabetização e educação popular na década de 60. (GADOTTI, 2014).

As contribuições de Piaget, Vygostky, Wallon e Freire precisam ser retomadas pelos professores para que haja o entendimento de que as experiências e os laços afetivos influenciam os processos de ensino-

aprendizagem. A forma de ensinar é tão importante quanto ao conteúdo a ser ensinado e para que a prática pedagógica seja pautada na construção do conhecimento, não restringindo o processo ensino-aprendizagem a uma dimensão meramente cognitiva, as formas de comunicação e as relações precisam ser intensificadas.

Com base nesses teóricos e num novo olhar sobre a prática pedagógica, apresenta-se como pressuposto a visualização de uma educação na qual a afetividade se coloca como elemento primordial no contexto da EJA, onde a figura do professor é potencializadora do clima emocional positivo na sala de aula, despertando os educandos para o processo ensino-aprendizagem posicionando o sujeito como ser intelectual e afetivo capaz de pensar e sentir de maneira simultânea.

#### **4.1 A Afetividade como Motor da Aprendizagem na EJA**

Vive-se um momento em que a competitividade e individualismo invadem as relações, fazendo com que os indivíduos esqueçam a importância da coletividade, negligenciando as necessidades e problemas do outro. Ao se perspectivar no outro, o professor sai da sua condição de indiferente e leva a afetividade para a relação professor-aluno propiciando assim um ambiente educacional que tem como ferramenta o afeto, que por sua vez favorece o desenvolvimento.

Para CODO & GAZZOTO (1999, p.55), as atividades que exigem maior investimento de energia afetiva são aquelas relacionadas ao cuidado: estabelecer um vínculo afetivo é fundamental para promover o bem estar do outro. Para que o professor desempenhe seu trabalho de forma a atingir seus objetivos, o estabelecimento do vínculo afetivo é praticamente obrigatório.

Sendo assim a afetividade se torna recurso mediador para o conhecimento. Para Wallon e Vygostky as conquistas da inteligência são incorporadas ao plano da afetividade, existe uma relação intrínseca entre as dimensões afetivas e a atividade intelectual.

Além de não descartar nenhuma forma de conciliar estes aspectos, deve-se entender que a afetividade move de forma crescente o processo ensino-aprendizagem na EJA, e que as implicações da mesma caracterizam-se como elemento decisivo para o sucesso da aprendizagem, já a ausência de afeto e



falta de incentivo do educador, podem dificultar a aprendizagem e consequentemente acarretar a evasão.

## **5 Considerações Finais**

Objetivando uma análise da influência e relevância da relação interpessoal como propulsora no processo ensino-aprendizagem na EJA, evidencia-se após estudo que as relações entre docentes e discentes não se limitam apenas aos aspectos cognitivos.

Ao compreender a afetividade como um conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e sentimentos e ainda de acordo com Piaget (1983), tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o cognitivo.

Torna-se então papel do professor não negligenciar os aspectos afetivos dos seus alunos na busca de dias melhores para a pedagogia. Pedagogia esta proposta por Paulo Freire que soube utilizar bem a afetividade como ferramenta de trabalho, mesmo quando se trata de uma emoção derivada do afeto como a raiva, a educação freireana sabe utilizá-la a seu favor, para ele a justa raiva; aquela que protesta contra as injustiças, o desamor, a exploração, tem papel altamente transformador. Está totalmente equivocada a educação que não reconhece no afeto uma forma de autonomia que desperta autoestima, interesse e motivação potencializando o processo ensino-aprendizagem daqueles que vivenciaram a exclusão escolar em algum momento da vida.

Deve-se pensar o processo educacional numa perspectiva de constituição de um sujeito que desenvolve os aspectos cognitivos, afetivos, motores e que interage com o meio e com os outros sujeitos produtores de conhecimento. Em outros momentos da vida a razão e a emoção se alternam, na escola não é diferente ainda que na fase adulta.

Portanto considerar as necessidades de ordem afetiva dos alunos da EJA aponta uma prática pedagógica que compreende a afetividade como contribuição para o sucesso escolar do jovem e do adulto que decide voltar a estudar. Considerar as contribuições do modelo de desenvolvimento integral torna-se então um novo e promissor desafio para a educação, pois o

entendimento da pessoa como um ser total nos leva a um constante movimento produtor de transformações.

Não se trata da defesa de uma proposta pedagógica específica, mas de enfatizar a impossibilidade de um planejamento que não contemple os possíveis impactos afetivos que essas condições produzem nos alunos. Pode-se afirmar que enquanto a relação professor/aluno não tiver seu devido valor e importância, existirá o risco da construção do conhecimento dissociada da formação integral do sujeito, deixando assim de lado a sua afetividade.

## Referências

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon. Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 13. São Paulo, 1999.

ARROYO, M. G. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, L. J. G.; GIOVANETTI, M.; GOMES, N.L. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1ª edição 2005.

BERCHT, M.. **Em Direção a Agentes Pedagógicos com Dimensões Afetivas**. Instituto de Informática. UFRGS. Tese de Doutorado. Dezembro, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. : Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996... – Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições técnicas, 2002.

CHALITA, Gabriel. **Educação. A solução está no afeto**. São Paulo, 12ª edição. Ed. Gente, Brasília, 1998.

CODO, Wanderley & GAZZOTTI, A. A. **Trabalho e afetividade**, em Codo, W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília CNTE e Brasília LPT. 1999

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro 2008.

DI PIERRO, Maria Clara. **Um balanço da evolução recente da educação de jovens e adultos no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2005.

FAVA, G. & SONINO, N. **O modelo biopsicossocial: Tinta anos depois**. Psychotherapy and psychosomatics. Vol. 77: p. 1-2; 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários á prática educativa**, 7º. Ed, Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**, 17º. Ed, Paz e Terra, 1987.  
GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação Popular: primeira vítima do golpe de 1964**. Revista Presença Pedagógica. Vol. 20/N. 118 Brasil: Editora Dimensão, 2014.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, nº 14. São Paulo: Anped, 2000.

LA TAILLE, Y. **Desenvolvimento do juízo moral e a afetividade na teoria de Jean Piaget**. In: LA TAILLE, Y. (Org.) **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. 6º ed. São Paulo: Ática, 1996.

RAMALHO, Laurinda e ALVARENGA, Abigail. **Afetividade e aprendizagem: Contribuições de Henry Wallon**. Edições Loyola, Brasil 2007.

RICHARD, O. Straub. **Psicologia da Saúde: Uma Abordagem Biopsicossocial**. Artmed Editora LTDA, Porto Alegre - RS: 2014.

SAUNER, Nelita F.M. **Alfabetização de Adultos**. Curitiba: 1º ed. Juruá, 2002.

SOARES, Leôncio José Gomes, GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro, GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

UNESCO, **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília: 2008.